



Coimbra

Candidaturas de qualidade em prémio que é para continuar

Criado em homenagem ao director "in memoriam" do Diário de Coimbra, o Prémio de Jornalismo Adriano Lucas tem tido «cada vez mais concorrentes», disse ontem Manuel Machado, assinalando «a boa hora» em que foi assumido pela Câmara, Universidade e Diário de Coimbra. «O interesse colectivo não deve depender de quem gere as instituições», defendeu o presidente do município, ao perspetivar «um caminho para continuar».

A vice-reitora da UC Clara Almeida Santos juntou a sua voz aos que ontem louvaram a criação do prémio em 2011, desejando que se mantenha, já depois de assinalar a qualidade das participações.

José Ribeiro Ferreira, docente catedrático de Letras e membro convidado do júri, reconheceu que «o prémio bem se associa a Adriano Lucas, homem de causas, defensor intransigente do jornalismo, lutador incessante da liberdade de imprensa».

Entre outras acções de Adriano Lucas, José Ribeiro Ferreira lembrou que representou a imprensa portuguesa na comissão que elaborou a Lei de Imprensa (1974) e foi membro do Conselho de Imprensa (1975-1990).

Adriano Callé Lucas, director do Diário de Coimbra e filho do homenageado, agradeceu o empenho da Câmara Municipal e da Universidade num «galardão que tem vindo a assinalar um interessante número de participações».

«Ao longo destas edições, é muito gratificante ver a diversidade de temas que têm sido premiados, bem como também o próprio perfil dos autores vencedores (...), diferentes na idade, na origem geográfica, no percurso académico e na profissão, disse Adriano Callé Lucas, ao ver nessa diversidade a própria ideia de jornalismo do pai, que entendia que seria «mais rico quanto mais diversas fossem as histórias de vida de cada jornalista».

Reportagem vencedora revela realidade óbvia “que a muitos escapa”

Prémio Adriano Lucas Trabalho da açoriana Catarina Fernandes retrata o que é viver e estudar em Coimbra, a 16 mil quilómetros de casa

O Prémio de Jornalismo Adriano Lucas, que presta homenagem ao director "in memoriam" do Diário de Coimbra, foi ontem entregue a Catarina Lima Fernandes numa cerimónia simples, mas com um simbolismo invulgar. Desde logo porque o galardão é uma homenagem a um «lutador incessante da liberdade de imprensa», com notou o professor catedrático de Letras José Ribeiro Ferreira; porque o trabalho vencedor é uma chamada de atenção para vivências de uma Coimbra nem sempre percebidas; porque o galardão é um incentivo à criação e ao jornalismo; e também porque foi entregue na Casa da Escrita, onde viveu o poeta João José Cochofel e espaço de tertúlias que deixaram marcas no país.

À sexta edição, o prémio instituído pela Câmara Municipal de Coimbra, em parceria com a Universidade e o Diário de Coimbra, foi atribuído a Catarina Lima Fernandes, estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de 22 anos, pela reportagem "Os ilhéus em Coimbra – peculiaridades de um ilhéu deslocado".

O trabalho, publicado na edição de ontem, foca-se nos sentimentos e decisões de quem, muito novo, voa para «longe do ninho, com data de regresso em aberto», como diz a autora, açoriana que estuda em Coimbra há cinco anos, ao encontrar semelhanças nas vivências de um ilhéu em Coimbra e de estudantes Erasmus, a milhares de quilómetros de distância da família. Ontem, José Ribeiro Ferreira detalhou-se na mensagem do texto de Catarina Fernandes, ao notar que um quarto ou casa de um ilhéu em Coimbra é diferente dos de



Clara Almeida Santos, Manuel Machado, Adriano Callé Lucas e Catarina Lima Fernandes

mais: «tem ar diferente, espírito diferente, aconchego diferente (...) porque «todos os dias procura aproximar o que está a mais de 16 mil quilómetros de distância».

O professor catedrático da FLUC e membro convidado do júri nesta sexta edição realçou as escolhas de quem tem de «empacotar uma vida» quando se sai da ilha, que tem de decidir sobre o que é importante ou o que não é, decisões bem diferentes das de estudantes de outras regiões do país, porque aquilo que não se traz não pode ser recuperado na semana seguinte.

Licenciada em Línguas Modernas e actualmente aluna de mestrado em Inglês/Alemão na FLUC, Catarina Lima Fernandes nunca pensou que iria ganhar o prémio. Honrada com a distinção, sente hoje Coimbra «como segunda casa». «Faz parte de mim», disse na cerimónia, ao dedicar

o prémio à família – que não veio propositadamente a Coimbra mas esteve presente «por uma coincidência enorme» – e ao namorado, que a incentivou. Nos agradecimentos surgiu também uma dedicação especial para um «amigo da família, que se encontra hospitalizado».

Escrever um livro

O trabalho de Catarina Fernandes demonstra que o jornalismo, que vive um tempo de «transformação», tem lugar quando conta histórias de vida, assinalou Clara Almeida Santos, vice-reitora da Universidade de Coimbra, chamando a atenção para outro trabalho apresentado no concurso – "Olhos que Mentem", de Pedro Morgado, com menção honrosa e também centrado numa história de vida.

No caso de "Os ilhéus em Coimbra" a história ilustra quem deixa uma ilha, geogra-

ficamente ou metaforicamente. Sobre o tema, Clara Almeida Santos recuperaria um trabalho de uma aluna sua, de jornalismo multimédia e de nacionalidade brasileira. Com recurso a imagens, a autora, também longe de casa, simbolizou-se com um ponto, que «de repente ficou cheio de pontinhos à volta», disse, com o olhar concordante de Catarina.

«A insularidade é só uma parte, ficamos à espera...», desafiou a vice-reitora. Um repto que certamente terá resposta, com a própria vencedora a assumir, em declarações ao Diário de Coimbra, que vai continuar a escrever. Para quem escreveu "Os ilhéus em Coimbra" num dia e meio, «escrever é um gosto». «Vou escrever um livro, não sei ainda bem sobre o quê, mas vou escrever um livro», garantiu, sem margens para qualquer dúvida.

«Muitos parabéns pelo texto

Catarina», felicitou, por sua vez, o director do Diário de Coimbra. A reportagem "os Ilhéus em Coimbra" chama a atenção «para uma realidade que até podemos dizer que é óbvia mas que a muitos escapa – como é, aos 17 ou 18 anos, sair da "ilha" e rumar ao Continente», apontou Adriano Callé Lucas, antes de felicitar também Patrícia Cruz Almeida e Pedro Morgado pelos trabalhos "Caricatura de Coimbra" e "Olhos que Mentem" que, alvo de menções honrosas, serão em breve publicados no Diário de Coimbra.

O director do jornal deixaria ainda uma palavra especial para José Ribeiro Ferreira: «aceitou integrar o júri, o que muito nos honrou, tal como aconteceu em anteriores edições com Marcelo Rebelo de Sousa, José Miguel Júdice, Matilde Sousa Franco e Rui de Alarcão».

Espólio que espera por divulgação

Há 40 anos Manuel Machado também foi «um ilhéu» quando chegou a Coimbra para estudar [é natural de Sevilha do Vouga]. Viveu até «na Rua da Ilha», ironizou o autarca, que hoje não se sente nada ilhéu. Mas tal condição permitiu-lhe identificar a coragem de Catarina Fernandes de escrever sobre a vida, origens. Venceu pela «qualidade» e num «estímulo à observação», registou, ao assinalar a forma como olhou para a cidade.

O autarca, que se lembrou de outros ilhéus açorianos em Coimbra, casos de Vitorino Nemésio ou Vasco Pereira da Costa, quis ainda destacar o local da cerimónia. A Casa da Escrita, onde viveu José João Cochofel e que acolheu «tertúlias que fizeram marcas importantes no país», é o «sítio ideal para novos escritores», disse, ao notar que tem «um espólio que merece ser divulgado», como por exemplo o de Eduardo Lourenço.

Adriano Lucas (1925-2011) liderou o Diário de Coimbra durante cerca de 60 anos, fundou o Diário de Aveiro, o Diário de Leiria e o Diário de Viseu. Quando faleceu era o decano dos dirigentes da Imprensa em Portugal. «



Prémio de Jornalismo destaca histórias de vida

José Ribeiro Ferreira, Manuel Machado, Catarina Lima Fernandes, Pedro Morgado, Clara Almeida Santos e Adriano Callé Lucas ontem na cerimónia de entrega do Prémio de Jornalismo Adriano Lucas **Página 2**